

Bancos divergem sobre a dívida

GAZETA MERCANTIL

7. ABR 1987

Ext

por Tom Camargo
de Londres

Vários grandes credores do Brasil estão tendo profundas divergências sobre como fechar o pacote de US\$ 7,7 bilhões de dinheiro novo assinado pelo México em setembro passado e do qual até hoje sequer um cent foi desembolsado.

A tensão espalha-se para a questão de como negociar a dívida brasileira, em relação à qual cada um dos dois blocos que abrigam os contendores tem uma situação legal diferente.

Seis grandes bancos britânicos e pelo menos três dos "money centers" norte-americanos estiveram envolvidos, na semana passada, numa azeda troca de telex a propósito do impasse mexicano. Com "fleugma", um banqueiro inglês observou que "talvez eles estejam mais agressivos do que o habitual, pois estão tendo de fazer a liquidação temporária dos juros que deveriam estar recebendo do Brasil neste primeiro trimestre".

Os bancos britânicos não têm norma semelhante à utilizada no outro lado do Atlântico sobre como estruturar operações não-honoradas pelo devedor dentro de um determinado período de tempo (noventa dias nos Estados Unidos). Na prática, o fato de só ter de ir para a rubrica de "créditos em liquidação" depois de um prazo que será cuidadosamente discutido com o Banco da Inglaterra (banco central) tem dado aos britânicos maior flexibilidade.

Ontem, o Chase Manhattan foi o quarto grande banco americano a anunciar que não está apropriando os juros que deveriam ser pagos pelo Brasil no primeiro trimestre como lucro realizado. A perda resultante, no balanço trimestral provisório, é de US\$ 3 milhões no total do lucro líquido. O First Wisconsin, igualmente, colocou em "regime de caixa" US\$ 59,7 milhões em créditos ao Brasil e ao Equador (ver página 28).

Mas é o problema mexicano que concentra atenções. O Citibank, o Morgan Guaranty e o Bank of America, todos participantes do comitê assessor do México, enviaram na semana pas-

Página 2

● Internacional

ACERTO EXTERNO

7. ABR 1987

Bancos divergem sobre a dívida

por Tom Camargo
de Londres

(Continuação da 1ª página)

um telex para o Lloyds Bank, na City, expressando seu desagrado pelo fato de seis bancos comerciais britânicos (Natwest, Barclays, Midland, Lloyds, Standard Chartered e Bank of Scotland) terem deixado de subscrever a totalidade de suas participações na bolada de dinheiro novo mexicano.

Washington, que armou o favorável esquema para o vizinho do Sul, também teria feito manifestações informais a respeito.

Os britânicos argumentam que só porão a quantia que lhes é cabida, igual a 12,9% de seu comprometimento com o país em 1982, se os bancos norte-americanos aumentarem o valor global de suas adesões. Do total que deveriam contribuir os norte-americanos cobriram até agora apenas o equivalente a 83%. Os britânicos dizem que farão sua parte se o percentual for aumentado para pelo menos 90%.

"Não podemos falar de respeito às regras do jogo para os devedores e depois não observar um regulamento básico como o de que a divisão da carga em programas de dinheiro novo (que ninguém quer fazer) deve ser sempre proporcional ao comprometimento original", disse a este jornal um banqueiro londrino.

O problema norte-americano, como é sabido,

é com os pequenos e médios bancos regionais, muitos dos quais já se desfizeram de toda sua carteira de títulos brasileiros no mercado secundário. Além disso, dezenas de aderentes assinaram por valores muito mais baixos do que o que deveriam.

Há ainda um problema relacionado com o Continental Illinois, o banco que só não foi à falência devido à intervenção federal. Um dos braços do resgate, a Federal Deposit Insurance Corporation, hoje dona de boa parte do portfólio estrangeiro do Continental, não deu sinal de que contribuirá com os cerca de US\$ 40 milhões de dinheiro novo que seria sua parte.

"Os grandes bancos norte-americanos fizeram sua parte", disse o mesmo banqueiro inglês. "Mas sofremos enorme pressão desses mesmos bancos, e de Washington, para fechar o pacote mexicano. Agora não vemos por que devemos conceder numa questão de princípio."

O Banco da Inglaterra teria indicado, segundo comentário feito por um banqueiro para um jornal londrino, que dá seu apoio não ostensivo aos bancos britânicos. Isto é, que registrou, com desagrado, a insistência norte-americana quando da montagem do pacote. "Entendemos que não há sentido em se favorecer o México só porque os Estados Unidos têm forte interesse político no caso. O Brasil também não mereceria um advogado tão empenhado?"